



Um aeroplano bombardeando um cruzador em plena noite

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 143

Braga, 25 de março de 1916

• Anno III

Bordados Suissos

**directamente da Suissa,
franco de porte a domicilio!**

Peçam hoje mesmo a nossa collecção contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas, representandô de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suizo.

Esta collecção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e crianças em Cambraia, Vee, Crêpe, Gandie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90

Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa collecção das ultimas novidades em sedas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Charmeuse, Gabaline, Eolonne, Falia, Cotele, Vee, etc., cambraia, suissa 120 cm de largura desde frs. 1.50 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta collecção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, 82
(Suissa).
Casa Suissa — Mercadorias Suissas.

LIZOS	Impressos	ESCARDE
Tafeta	Crêpe	Charmeuse
Gabaline	Eolonne	Falia
Cotele	Vee	etc.

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas) e MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

por A. de Menezes

Novas edições, feitas em harmonia com as ultimas regras promulgadas.

PREÇOS: Encadernado em percalina, 440; em carneira, capa flexivel, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis, francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctua-
rios, banquetas e todos os mais
artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas pa-
ra as Provincias, Ilhas, Ultramar
e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

PROV. O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Mont Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morado na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes docu-
mentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pa-
lavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arci-
preste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incursu em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de colloca-
ção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas ter-
gicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despe-
zas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na
capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S.
João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem
direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos me-
lhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de
Lisboa; todos tem direito a ser sepultados ou depositados no referi-
do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o
funeral dos socios residentes em Lisboa, e de vinte escudos para o
funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

— O —

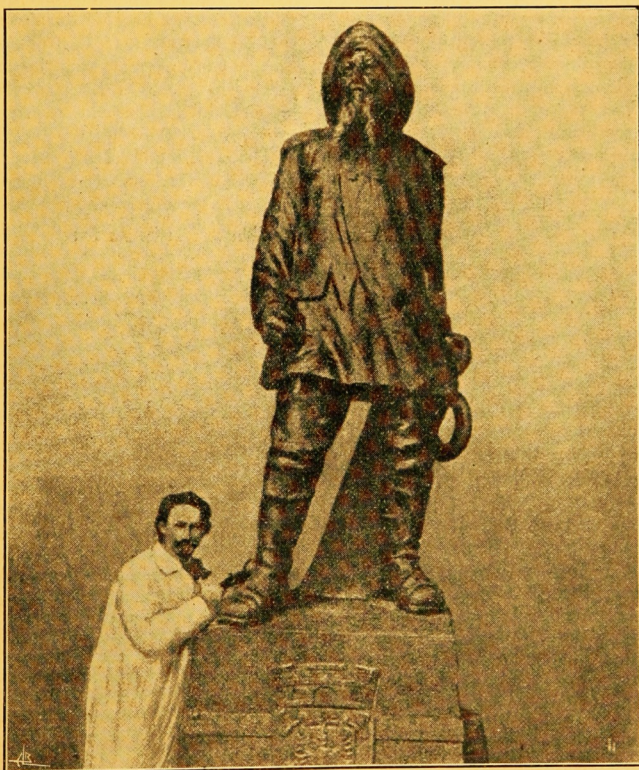
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Vellozo

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Bragá, 25 de março de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 143—Anno III



Uma estatuá ao almirante allemão Von Tirpitz



A segunda pagina...

NOTAS officiosas, costumam fazê-las os ministros para explicar... o que toda a gente sabe. O chronista fará a sua para explicar o que o leitor desconhece: que a Chronica não sahio no ultimo numero porque, por uma fatalidade, o decreto sobre a nova maneira de fallar aos povos e escrever epistolas aos Corinthios, não era ainda a pesar sobre o cálamdo dos que jorndeiam por estes invios atalhos da imprensa, quando o do chronista rabiscava suas annotações para o numero anterior d'esta revista. E porque o citado decreto poderia ter effeito retroactivo, resolveu-se rasgar aquillo que eu intitulara: *Pagina d'um livro de memorias*, com as impressões memorandas dos memoraveis factos occorridos n'esta corda da península n'este mez de março de mil novecentos e dezeseis. A pagina conservo-a. Servirá para, em longos dias de um inverno futuro, quando um ou mais pelizes me andarem pulando em volta da cadeira, em jovial grazinada, eu meditar, poisendo os olhos cançados de tanto ver, nas suas cabecitas e nos seus cabellos, e nos seus olhos suaves de innocencia, nas desgraças d'esta patria heroica e bella que eu amo e que livre ou escravizada, grandiosa ou succumbida, eu hei-de saudar orgulhoso quando a luz do dia se fôr escoando lentamente e irremediavelmente para mim...

Voltemos a primeira pagina do caderno de memorias. Vamos á segunda, que os factos n'aquella registados como desafôgo d'alma que um escasso relêvo litterario mal comprimia, são de todos os portuguezes amantes da sua terra conhecidos, n'esta hora trágica e suprema do mundo, trágica e suprema tambem para ella, em que, declarada contra nós a guerra pela Allemanha, não ha nem pôde haver ninguem que ouse desejar sem crime a victoria dos assaltantes de Verdun que nos atiraram ás faces o insulto, saboreado com perfidia pelos nossos vizinhos, de *vassallos da Inglaterra*.

Respondeu e muito bem á injuria o sr. Brito Camacho, que estamos em guerra pela força da nossa alliança com a Grã-Bretanha, isto é, pela força do cumprimento de um dever de lealdade. Sempre o cumprimos, ainda mesmo quando só prejuizo d'esse cumprimento nos adveio. Demonstramos assim que a honra é para nós, para o nosso nome e consciencia de portuguezes, um principio máximo que nada abala, que nenhuma conveniencia prostrah, embora hoje n'esta Europa em furia, a politica internacional dos grandes Estados não seja estudada nem applicada como se applica e estuda a geometria...

E porque os cumprimos, assumem uma importancia extraordinaria, um caracter de solemnidade que o rodar dos seculos não empanará,— as palavras com que *sir* Eduardo Grey, em nome da nação ingleza, a cujos destinos atamos os nossos, significou que a Inglaterra nunca nos ha-de abandonar. Devem todos os portuguezes decorar este compromisso, não para o fazer lembrado em alguma hora, porque não é admissivel que elle possa vir a não ser realisado, mas para ter bem presente ao espirito que, entrados no conflicto europeu ao lado da Inglaterra, temos de não a deixar um só momento, seguindo-a por toda a parte, para que no momento decisivo, obtenhâmos depois os auxilios ministrados á nossa alliada, a protecção a que temos direito.

Eu não hesito em dizer que, se para a alcançarmos, fôr preciso darmos sangue da nossa raça, o devemos dar. E' a nacionalidade mesma que está em risco. A victoria da Allemanha é o nosso esmagamento. E nós precisamos de chegar ao fim da guerra sem que, sequer *na minima parte*, os nossos territorios da metropole e d'além mar, diminuidos appareçam. Isso seria a maior des vergonhas para a nação portugueza, isso seria, na hypothese da victoria dos alliados a prova de que a alliança ingleza nada nos serve, isso equivaleria á affirmacão de que a politica seguida desde 1914, pelo gabinete Bernardino Machado, até março de 1916, pelo gabinete Affonso Costa, foi ao mesmo tempo imbecil e criminoso. As palavras de *sir* Eduardo Grey não dão a menor margem a suppôr que qualquer d'estas hypotheses se realice quando as potencias em lueta se reunam para concerto da paz.

O problema portuguez—embora, como disse alguém, quanto ao futuro todos os apriorismos sejam falliveis—é este. Só a elle temos de considerar. Não o é de certo para a Hespanha que dizendo querer Portugal para os portuguezes, dá a entender que não consente dois Gibraltarres ou um Heligoland e um Gibraltar na peninsula. Para nós o problema está posto, ou com a Inglaterra até ao fim do fim, ou a morte.

Eu desejava e desejo que todos os portuguezes o vejam. Eu queria e quero que todos os portuguezes o comprehendam. Assim seja! A declaracão de guerra mudou totalmente a face das coisas portuguezas. Hontem eu não pensava como hoje penso. Mas hoje penso o que acabo de dizer porque como portuguez não posso pensar d'outra maneira, por mais argumentos que me adduzam, por melhores considerações que me façam.

E por isto mesmo que eu condenno que o governo escolhido não represente de facto todas as correntes da opinião portugueza, que

abrangem mais que as organizações partidarias. Em Evora foi prohibido o ensino da catechese. No concelho de Oliveira de Frades foram expulsos os parochos das suas residencias. Non-tem, emquanto passava a imponentissima manifestação ás nações alliadas, n'uma praça da cidade, um *official do exercito* foi espancado. «Vi-lhe cair em cima uma chusma de individuos. Perguntei porquê. Responderam-me que não quizera tirar o chapéu, o barrete militar á manifestação», disse-me um amigo cujo nome poderia escrever.

E assim não ha união nacional. E assim nós não fallaremos todos pela mesma bocca. Por isso eu receio bem que nem todos os portuguezes pensem como deviam pensar. Foi o governo o governo que orientou a marcha da nação na guerra europea. E' o governo que deve dar o primeiro exemplo da concordia sagrada, sem a qual poderemos combater sem fé, e chegaremos ao fim da guerra como um farrapo do que deviamos ter sido . . .

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Porque ?

ESTAMOS em guerra. Os representantes diplomaticos da Alemanha e da Austria, pediram os seus passaportes e abandonaram Lisboa; constituiu-se um governo, que é mister chamar nacional e a armada portugueza, mobilisou já as suas reservas. Pelos documentos apresentados ao congresso, vê-se que foi a Inglaterra, quem, solicitando instantemente a apropriação dos navios allemães, nos lançou no conflicto. Não é momento azado para apreciarmos as vantagens ou prejuizos da attitude assumida pelo governo portuguez, perante a chancellaria ingleza, mas não deixa de ser curioso esmiuçar as razões que levaram esta, a provocar factos que determinaram a nossa intervenção no sangrento conflicto europeu.

Que imperiosa tardia causa, moveu a nossa secular alliada, para a dezenove mezes de guerra, preparar o nosso bellico concurso?

Nós temos cumprido rigorosamente os nossos deveres. Demos, armamento, munições, viveres, dispuzemos a seu favor e com verdadeiro sacrificio, de valiosos generos de subsistencias, nobremente fieis á letra dos tratados, que sempre honramos e que nem sempre foram honrados. Seria indecoroso, pensar que a Inglaterra, emquanto os seus subditos discutem interpretações subtis do serviço obrigatorio e appellam para a voz da consciencia sobre o seu dever

de soldados, viesse reclamar o nosso concurso de sangue. Por outro lado, a nossa situação de neutralidade especialissima é certo porque tratados d'alliança longinqua, nos ligavam a um paiz belligerante, permittiu a Inglaterra fazer por nosso intermedio grandes acquisições de material de guerra nos Estados-Unidos e que ainda, por conducta nossa por varias vezes recebeu. Emfim, porque alta e poderosa razão d'ordem politica ou estrategica, o gabinete de Saint James prescinde de tantas inestimaveis vantagens, se priva d'acção valiosa d'um intermediario fiel para tantissimas transacções commerciaes, que estados belligerantes não podem praticar? Necessidades de soldados? Evidentemente não, repetimos, porque ao brio da grande nação ingleza, repugnaria, certamente servir-se de forças extranhas emquanto muitos e muitos dos seus filhos, passeam ainda pelo mundo em descansada villegiatura, os seus cachimbos fumegantes e o seu *spleen* tradicional.

Depois, ella sabe bem, que o nosso exercito, capaz de todos os heroismos, de todas as bravuras epicas, está longe de possuir a necessaria preparação militar, absolutamente indispensavel aos complicados lances estrategicos, da guerra moderna.

Mas Portugal podia prestar aos alliados um valioso auxilio com a sua excepcional posição geographica, a privilegiada situação d'alguns dos seus portos e por isso a Inglaterra preparou agora a nossa belligerancia, ella que mezes antes a impedira, no momento tragico da incursão de Naulilla, em que o brio nacional foi duramente enxovalhado.

Lisboa, Lagos, Madeira e Açores — já aqui o dissemos ha tempos, quando apreciamos a situação do Atlantico — são os preciosissimos vertices d'esse inexpugnavel triangulo estrategico, que assegura o senhorio d'esse mar, o fulcro por assim dizer, da defeza de Gibraltar a porta do Mediterraneo seriamente ameaçada pelos submarinos allemães. A occupação d'estes portos portuguezes, assegura á Inglaterra o pleno dominio do Atlantico, e offerece-lhe tambem segurissimas bases para inestimaveis meios de defeza contra os submarinos destruidores. Assim, as suas relações commerciaes com a America do Sul, ficarão solidamente asseguradas, que varrido o Atlantico de corsarios e submarinos inimigos, as companhias inglezas poderão continuar com as suas carreiras e o seu trafico importantissimo.

Estamos emfim na guerra. Não queremos, não devemos n'este grave momento discutir as vantagens ou os prejuizos da nossa intervenção. E' cedo para o exame frio das responsabilidades. A hora é de perigo e portanto de serenidade, de firmeza. Todos nós sabemos o que devemos á patria para lhe negarmos um sacrificio e n'esta grave e perigosa conjunctura um sagrado dever se impõe a todos nós: salvar Portugal. Com a nossa fé, o nosso sacrificio,

o nosso sangue, é preciso ajudar essa gloriosa patria querida, que é de todos nós, a vencer, a dominar esta perigosissima crise. Depois, na hora do triumpho, tempo teremos em demasia, para contas e retaliações. E' que a hora da paz será tambem de justiça inexoravel... Por agora, viva Portugal!

O Senhor dos Desamparados



POR MARIA SALOMÉ.

QUANDO a patria soluça e chora passa em nossa alma esmorecida a visão phantastica dos tempos aureos e vamos tristes consolar-nos, evocando o passado que nos cobriu de gloria.

Immortaes foram o terras de Portugal os teus grandes homens em cujos corações a fé brilhava, como o sol nas montanhas tocadas de neve e, que hoje dormem á sombra dos seus tropheus!

O tenebroso sudario que te envolve foi tecido pela impiedade, mas ai dos portuguezes que se esqueceram da sua divisa que outr'ora os engrandeceu.

Pensavamos assim quando um dia iamos á velha cathedral de Braga, para alli colher impressões do passado e n'aquellas paredes seculares recordar paginas da historia; e hoje recordar é soffrer.

Depois da nossa piedosa romagem áquellas jazidas de heroes encontramos um velho pergaminho que nos contou a lenda toda repassada de mystico enlevo.

Reinava o *Senhor Rey* Dom Affonso Henriques, guerreiro destemido que empunhando a espada com braveza desusada conquistou palmo a palmo a bella Lusitania e pela Fé assombrou o mundo, expulsando os filhos de Islam.

Triumphou a Cruz que em Campos d'Ourique resplandecia d'ouro e gloria, emquanto ao longe, a tremer desaparecia em nuvens negras o Crescente abatido, e gritos plangentes de Allah se ouviam como ais de moribundos.

Na volta triumphal, o moço rey viera no seu corcel branco d'espuma em rapida corrida por montes e valles trazendo no estandarte sagrado o emblema do Calvario que d'ora avante seria a gloria do seu Reyno.

Vinha agradecer a Deus tamanha victoria, deante da devota Imagem do Crucificado que o Santo Arcebispo que o baptisou lhe dera a beijar antes da partida para os campos da batalha.

Esta Sagrada Imagem, o Senhor dos Desamparados que ainda hoje se venera na velha cathedral, fôra regada pelas lagrimas de Geral-

do, o santo Arcebispo, implorando a protecção do Senhor para o paiz nascente e diz a tradição que ambos Geraldo e Affonso ajoelhando em compunção ardente de Fé agradeceram a Deus a victoria sobre o moiro infiel e ouviram voz extranha quiçá d'algum mensageiro alado, voz doce e magoada que dizia

«A' Cruz deveis a gloria, que ella seja a guia de Portugal e mal haja quem d'ella se esquecer.»

A lua, alvejando por entre a densa folhagem vem illuminar as faces bronzeadas do principe guerreiro, que beijando a Cruz da espada offereceu-a em defeza ao Senhor dos Desamparados.

Seculos passaram, tempestades rugiram, mas a Imagem do Senhor ora adorada ora esquecida, vae lembrando o que em velho pergaminho lá deixou escripto mão piedosa junto á ermida:

*Lá nos seculos de Oro
de Giraldo foi adorado
Ora nos tempos de ferro
por nós quer ser invocado
Muita fé ó portuguezes
no Senhor dos Desamparados
Jesus Christo vem ouvir
os ais dos desgraçados!*

Cantico para a Communhão



POR ELVIRA NEVES PEREIRA.

Côro

Vem, meu Jesus, meu soberano encanto,
Dos filhos teus no seio repousar.
Não tardes mais, Enxuga nosso pranto.
Vem-nos, Senhor, na magua confortar.
Não tardes, não! Teu corpo sacrosanto
Teus filhos veem humildes implorar.

Solo

Quem pôde ser feliz longe de ti, meu Deus?!
Quem pôde suas dôrs ao mundo confiar?!
Quando a tribulação o vem desalentar,
Levanta o peccador os olhos para os Céos.

Oculto no Sacrario, aguardas compassivo
O filho ingrato e vil que sabes attrahir
Qual mariposa enlão, para a luz a subir,
Depressa o purifica um fogo ardente, vivo.

Nascemos para o Céu. No mundo peregrinos,
Receamos cahir, em seus funestos laços.
Sustenta-a, Senhor, os vacillantes passos,
Oh! faz-nos comprehender os nossos desatinos.

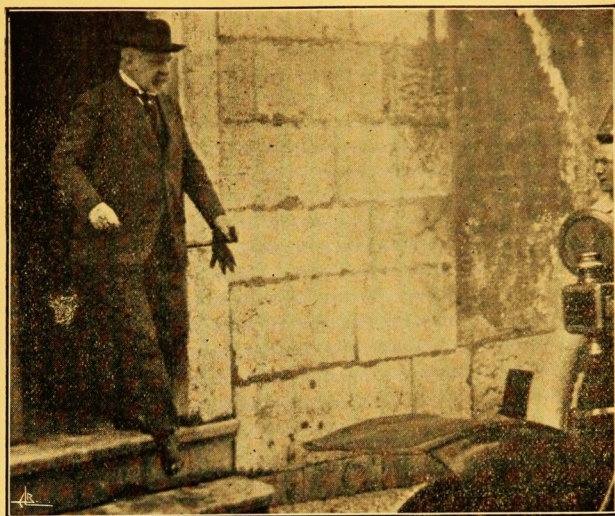
Visita a alma christã, Jesus sacramentado,
Sustenta-a, illumina-a, abraza-a n'esse amor
Quem torna um bravo heros o fragil peccador,
A morte não temendo a ti sacrificado.

Vem breve repousar em cada coração.
Vem breve confortar quem pede com anceo
Para a sua alma tibia o mais seguro esteio,
Que és tu, ó bom Jesus, na Santa Communhão.

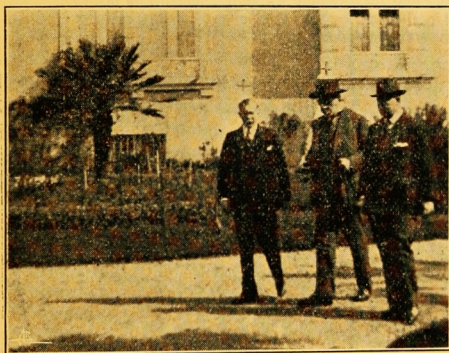
Em guerra com a Alemanha

As aguias teutonicas vieram desafiar ao placido Tejo os argonautas, que, adormecidos no balanço das aguas, estendiam como velas ao sol carinhoso o braço musculoso e forte. Monomachia singular seria essa, entre a poderosa ave de rapina e o navegador portuguez, como os ingleses chamam ao elegante mollusco!

Pois foi a 10 do corrente mez que, ao cabo de uma extensa nota, o ministro alemão em Lisboa, leu em no-



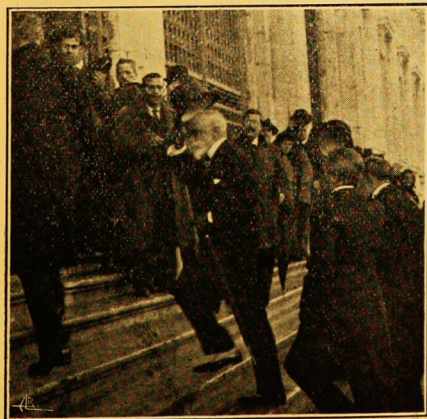
O Barão de Rosen sahindo da legação pela ultima vez



O Barão de Rosen sahindo do palacete da legação hespanhola acompanhado pelo ministro de Hespanha e pelo seu secretario



O snr. dr. Antonio José d'Almeida, presidente do novo ministerio



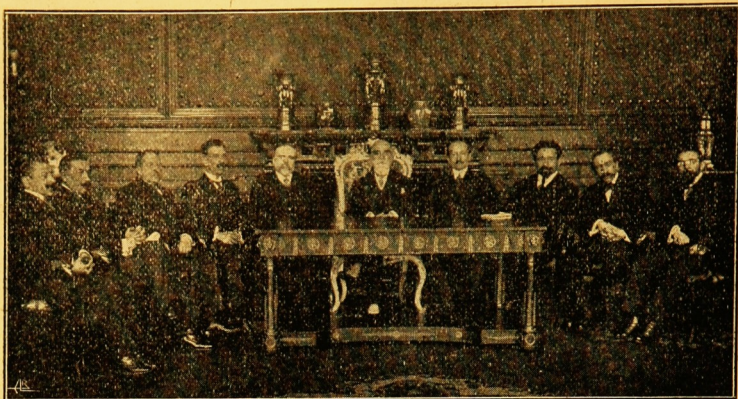
O presidente da Republica entrando para o parlamento no dia da declaração da guerra

me do seu governo a declaração de guerra a Portugal.

Sem um sobresalto que lhe vincasse a fronte, o sr. ministro dos negocios estrangeiros respondeu unicamente: «Quando parte? Quantos passaportes deseja?».

Era a acceitação formal do desafio, o levantar da luva. E' que Portugal, pequeno em territorio, sabe mostrar-se grande nos momentos difficeis da historia. Confiado no poder do seu braço, costumado desde Viriato a defender o rincão da patria, e tambem no auxilio celeste que desde Ourique lhe protege a existencia:— as chagas de Jesus, e o manto materno de Maria.

Por isso freme de commoção a alma portuguesa; possa ella superar as difficuldades do presente, e mostrar no futuro um Portugal no-



Primeiro conselho do novo ministerio, presidido pelo Presidente da Republica no Paço de Belem

Da direita para a esquerda—Antonio Maria da Silva, ministro do Fomento. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, ministro da Marinha. Dr. Affonso Costa, ministro das Finanças. Dr. Antonio Pereira Reis, ministro do Interior. Dr. Bernardino Machado, presidente da Republica. Dr. Antonio José d'Almeida, presidente de ministros e ministro das colonias, Dr. Luiz Augusto Pinto de Mesquita Carvalho, ministro da justiça. José Mendes Ribeiro Norton de Mattos, ministro da guerra. Dr. Augusto Luiz Vieira Soares, ministro dos Estrangeiros. Dr. Joaquim Pedro Martins, ministro da instrução.

vo e grande, identificado com as tradições religiosas e nacionaes da raça!

Perante o estado de guerra operou-se a concentração dos republicanos, creando um governo em que estão representadas varias opiniões partidarias, e é presidido pelo chefe do partido evolucionista, dr. Antonio José de Almeida. Esse ministerio, constituido no dia 15.

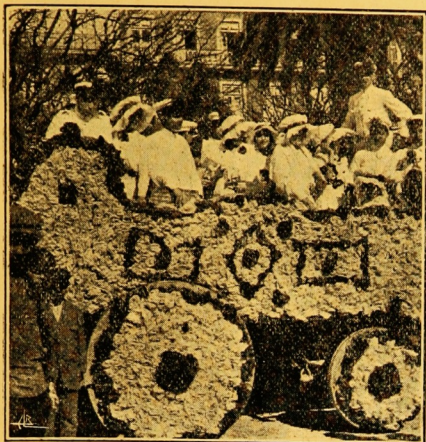
realizou logo uma conferencia com o Chefe do Estado. As photographias que apresentamos, archivam aspectos do ministerio e da saída do sr. Barão de Rosen, a quem o governo portuguez rodeou de todas as attentões, procedimento que todavia não foi imitado pelo governo allemão.

O Carnaval em Lisboa

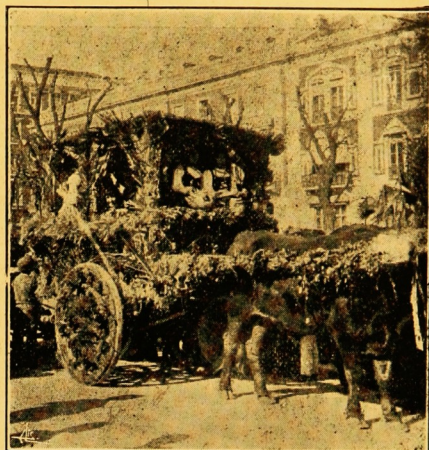


No Theatro Nacional—As creanças premiadas

Outro grupo de creanças premiadas



Um carro interessante



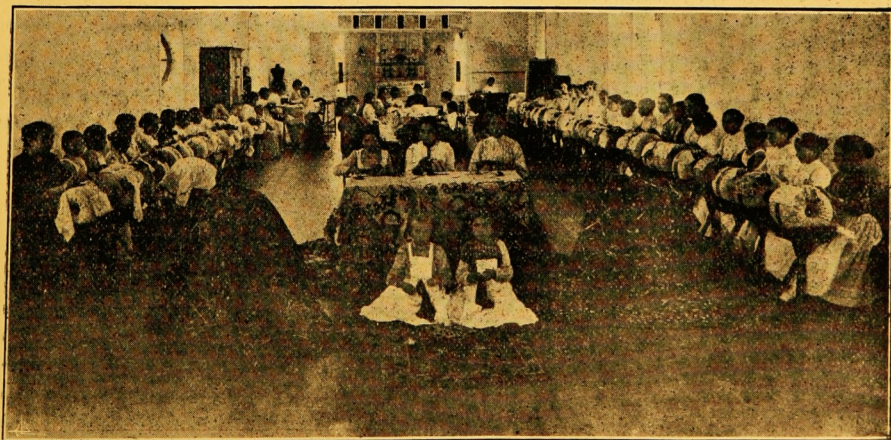
O carro da familia Pinto Basto atravessando a Avenida

A escola das Grades Verdes

Uma obra d'arte e uma obra de piedade

Na exposição Baptistini recentemente inaugurada no Porto appareceram á guisa de scenario para tão esplendente manifestação de talento, como a fazerem a camaradagem artistica dos quadros admiraveis d'aquelle illustre pintor, entre as faianças da fabrica Carvalhido, os moveis de Nascimento & Filhos, ou bronzes de Cristoffanetti, os primeiros trabalhos da escola

das Grades Verdes, que o grande temperamento artistico de madame Valle piedosamente fundou na sua casa da Granja. Obra admiravel de resurreição das industrias tradicionaes portuguezas, amavel, a escola das Grades Verdes tem a aureolar-lhe os vôos artisticos a circumstancia tão sympathica de procurar uma occupação ás raparigas pobres, salvas assim pelo trabalho das tetricas volutas dos abysmos sociaes.



Um aspecto da escola



Outro aspecto da escola

Desde as preciosas e bem portuguezas rendas de bilros, que um systematico desprezo pelo que é nosso ia relegando para o esquecimento, até á polychroma e complicada arte das tapeçarias, debaixo d'um criterio artistico admiravel, alli se traduzem as mais deliciosas mara-



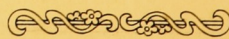
Tapete, reprodução de Arrayolos. — Copia d'um authentico e magnifico tapete do nosso conterraneo snr. José Teixeira de Magalhães Carneiro

vilhas da velha manufactura portugueza. Os tapetes d'Arrayolos tem sido verdadeiramente resuscitados com uma sobriedade de processos, uma discreta distribuição de côres pelo que contribuem apreciabilissimas manifestações d'arte, reveladoras do talento d'essa senhora, que refugiada n'uma excessiva modestia, obstinadamente attribue às suas discipulas essas pequenas maravilhas.

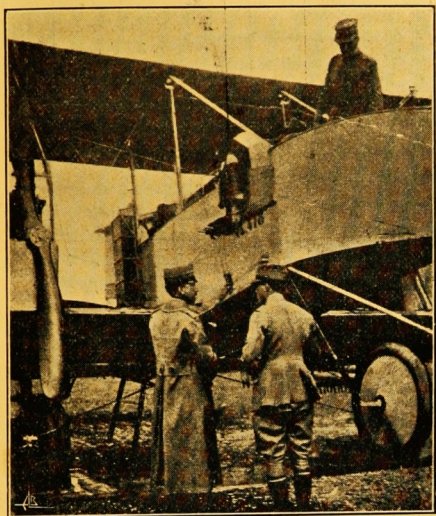
A exposição d'estes trabalhos despertou um grande successo, que estas simples notas não podem cabalmente referir, pelo que em breve lhe consagraremos mais e merecido espaço. Por hoje limitamo-nos a cumprimentar a illustre fundadora da Escola, e seu marido, o importante proprietário sr. Antonio Valle, pelo exito obtido pela sua obra que, sendo de tão eminente valor para a arte, não é de menor importancia na historia da caridade.



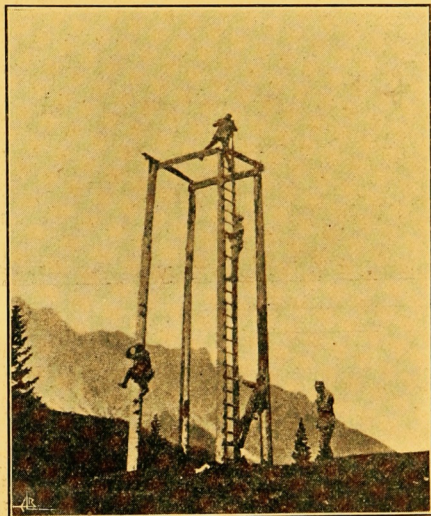
As artes liberaes assemelham-se às pyramides, cuja maior largura é a da sua base, e que vão diminuindo sempre, até se perderem n'uma ponta aguda: as artes mechanicas, ao contrario, são como os rios, que tendo uma fraca origem, se vão engrossando e estendendo de mais em mais em seu curso.



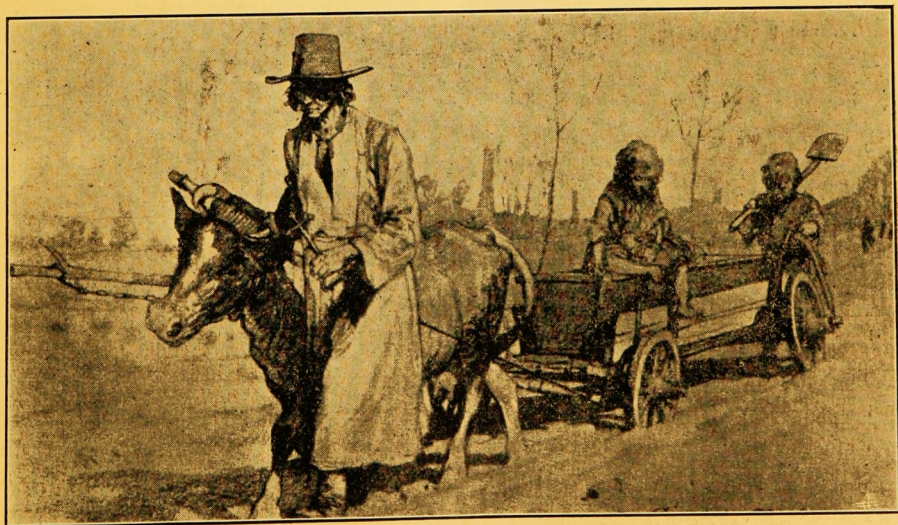
o Páginas da Guerra Europeia o



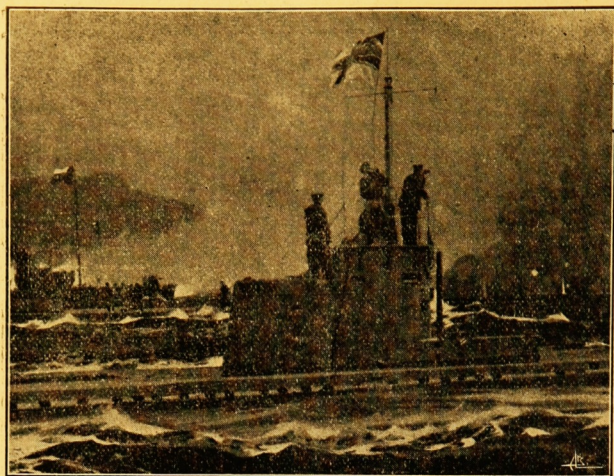
Um oficial graduado do exercito italiano examinando um aeroplano



Um posto de observação das tropas italianas.



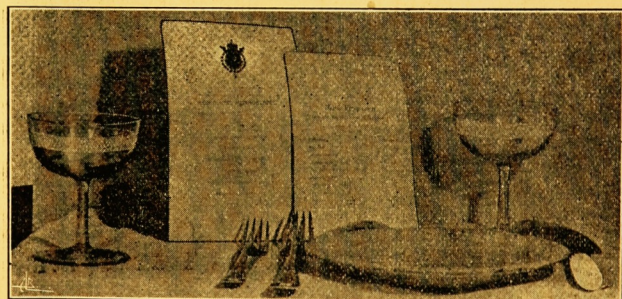
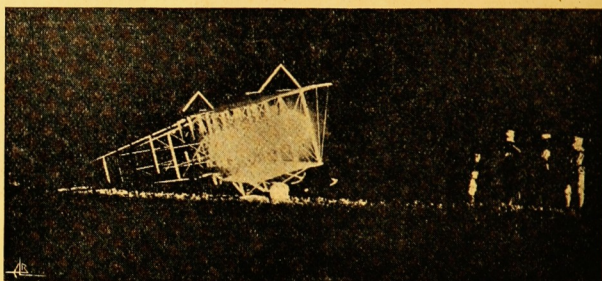
Um lavrador da Galitzia levando a enterrar as cinzas de sua mãe



O bombardeamento
de Varna.

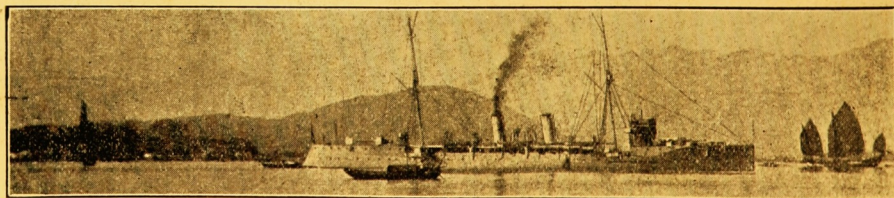
Submarinos allemães
e vasos de guerra
bulgaros dirigindo-se
contra
a esquadra russa

Em França.
Um aeroplano
preparando-se para
effectuar um *raid-
nocturno sobre
as trincheiras
inimigas



Ainda a viagem
do Kaiser a Nisch

Talher, prato,
calices, lista
do *menu- e pro-
gramma da musica
com que o Kaiser
se serviu no
banquete a elle
offerecido
pelo Tzar da
Bulgaria



A revolução chinesa.—O cruzador chinês *Chaobo* capturado pelos revolucionarios em Shanghai em 5 de dezembro de 1915



Uma carga de infantaria russa n'uma das ultimas batalhas contra os allemães

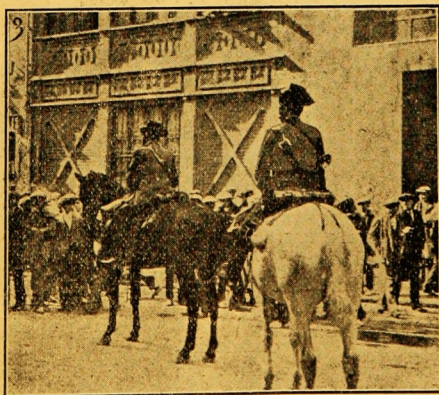
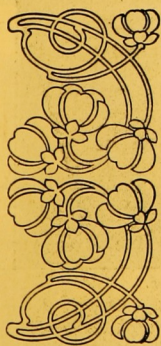
As grèves em Valencia



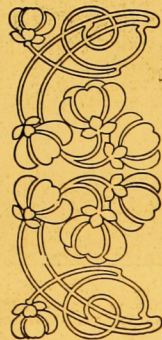
Os guardas civis no momento de disparar contra os grévistas



Soldados da administração militar vindos de Madrid para fabricar pão



Os guardas civis dissolvendo um grupo de grévistas



Sou vosso amigo!...



*A' pequenina Maria Victoria,
com um milhão de beijos.*



O' pequeninos? dai-me um abrigo
Nas vossas almas para o meu pranto
Vês em mim tendes um grande amigo
Somente Christo vos emcu tento.

O' pequenitos, ô colibris,
Que andais cantando pelas escolas,
O' pequenitos, almas gentis,
O' flores niveas de alvas corolas.

O' relicarios d'oiro lavrado,
Sois como as aves candidas, mansas:
No vosso rosto meigo, rosado,
Quero beijar-vos, loiras creanças.

Quero comvosco dizer as lettras
Que o vosso livro contem gravadas:
De vós desejo fazer poetas
Para cantardes as alvoradas.

Para cantardes o amor enorme
Que vos dedicam vossas avós,
E o amor sublime que até nem dorme
Que as mamãzinhas nutrem por vós.

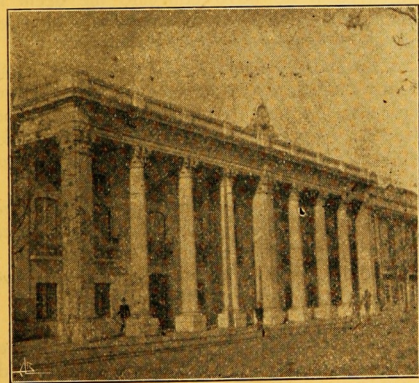
Porque só Christo vos amou tento
Como eu vos amo! Dai-me um abrigo
Nas vossas almas para o meu pranto!
O' pequeninos, sou vosso amigo!

S. Martinho do Porto, 1916.

CABRAL JUNIOR.



*Grupo de gentis senhoras pertencentes ás familias respeitaveis de Guimarães,
que durante o Carnaval percorreram as ruas d'aquella cidade angariando donativos para o Asylo de Santa Estephania.
Sentadas da direita para a esquerda:—D. Maria Ernestina Faria Martins,
D. Eulalia da Silva Pinto Freitas e D. Maria do Carmo Dias de Castro.
De pé da direita para a esquerda:—D. Maria Thereza de Faria Martins, D. Maria Ernestina Amoral,
D. Maria da Conceição Ribeiro de Carvalho, D. Maria do Carmo Ribeiro de Carvalho, D. Maria Arminda Amaral
e D. Maria Adelaide Pinto Dias de Carvalho*

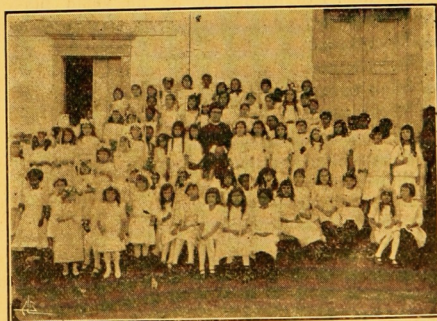
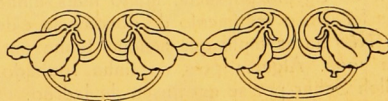


Lisboa—1. Porta monumental do Arsenal do exercito.
Trabalho de escultura do grande estatuário Teixeira Lopes.

2. Porta antiga do mesmo edifício.

3. Arsenal do Exercito.—Fachada lateral.

(Clichés de Viriato Silva)



Villa Braz. (Brazil)—Crianças da primeira comunhão acompanhadas pelo seu parochio rev. José Antonio Correia



AS margens do Nilo, no Alto Egypto, em Tabena, Pacomio, um antigo soldado que servira durante muito tempo nas cohortes romanas, retirara-se para ali para se submeter, com alguns discipulos, a uma vida de preces, de meditações, de macerações. Atrahidos pela sua santidade outros monges depressa seguiram o seu exemplo e foram fixar-se junto d'elle. De tal modo que esta parte da Thebaida povoou-se de religiosos, de cellas e de conventos. Entre todos, o de S. Pacomio evidenciava-se por ser o mais florescente.

Os coptas da região rodeavam o grande santo de uma veneração particular. Rendiam-lhe as suas homenagens, faziam-lhe offerendas e pediam-lhe em troca alguns pequenos serviços que um santo não costuma recusar aos que o veneram. Estendia igualmente a sua protecção aos animaes da granja. Era o santo quem curava os bufalos e os bois.

Mas pouco a pouco, no decorrer dos seculos, o culto de Pacomio começava a extinguir-se. As offerendas tornavam-se mais raras. O seu convento perto de Lucson ameaçava ruina. O santo muito contristado, imaginou vibrar um grande golpe no espirito dos fellahs, afim de servir a sua fé enlanguescente.

A meio de um dia de verão, Abdallah Schar, um fellah, tendo prendido os seus quatro bois a uns arbustos de ricino, foi procurar um bocado de sombra, não muito longe, comer alguma coisa e descansar. Quando voltou, os bois tinham desaparecido. Não era coisa para espantar que, aborrecidos, puxassem pelos arbustos, os arrancassem sem nenhuma difficuldade, e fossem para onde bem lhes parecesse. Mas os bois do Egypto possuem, muito mais ainda que os fellahs, o sentimento de obediencia e de regra. Não ha exemplo que nenhum tenha partido a sogá. Alguem pois os tinha roubado. Abdallah Schar poz-se em busca do ladrão.

O calor era grande; estava-se no tempo das colheitas. Por toda a parte, na vasta planície, homens semi-nus, apenas com uma tunica azulada cortavam o trigo e a cevada com as suas facas dentadas como as serras. Cantavam uma velha canção do tempo dos Pharaós e que é o catechismo da philosophia do fellah. Atraz dos ceifeiros andavam as raparigas a pastar as cabras. Abdallah perguntou-lhes pelos bois e todos lhe respondiam.

— Não os vimos, pae.

— Alguns accrescentavam:

— Por Deus que nos ouve, não sabemos onde estão, tio.

De fazenda em fazenda chegou ao fim do plaino, ao limite do deserto. É de repente apoderara-se d'elle um grande susto. Alguem o se-

gue. A sua primeira ideia é fugir a sete pés, como bom fellah que era. Depois pensando que só trazia consigo a sua galabrich e o seu turbante, volta-se e vê um homem de alta estatura, de aspecto austero, de comprida barba branca que o saúda á moda dos christãos. Abdallah pergunta-lhe se não vira os bois.

— Não só os vi — responde — mas sei onde estão e vou dizer-te onde o ladrão os esconde, contanto que tu me faças um favor.

Abdallah, vacilante entre a esperanza e a desconfiança olhava-o de soslaio. É de subito vira-se e safa-se o traiz depressa que pôde. Acabava de descobrir que o corpo do desconhecido não projectava nenhuma sombra no chão. Este corre atraz d'elle apanha-o e declara-lhe:

— Eu não sou nem um phantasma, nem um genio mau e sim S. Pacomio em pessoa que vem incumbir-te de uma missão importante.

E explica-lhe que no mesmo sitio onde estão occultos os bois deverá ser reedificado o convento e é elle Abdallah quem ha de annunciar esta boa nova a todos os christãos das cercanias.

— É que me dá? interroga Abdallah que não esquecia nunca os seus interesses.

— O que tu quizeres — responde o santo.

— N'esse caso, desejo que todos os coptas que eu casar no novo convento me deem no dia seguinte ao das bodas um gallo, duas galinhas e dois meddius (dois vintens).

Concluido o ajuste, o nosso homem, guiado por S. Pacomio, acha os seus bois e leva-os para casa, não sem ter enchido de imprecações o ladrão. Depois participa o milagre a todos os aldeões que se apressam a cumprir a ordem do santo.

Foi assim que se reedificou o mosteiro. Abdallah ganhou com o negocio porque os casamentos são numerosos entre este povo. E S. Pacomio tendo reconquistado os seus devotos entretem-se como antigamente a curar o gado.

Tal é a historia de S. Pacomio e do seu novo convento, como a conta M. Legrain, director das antiguidades de Kasnak, n'um delicioso livro onde colleccionou as lendas e as canções do Alto Egypto.

Pelo extracto.

EDUARDO DE NORONHA.



Um philosopho desejava que, quando se decidisse algum processo n'um tribunal, os novos juizes estivessem bem dormentes, e os velhos bem accordados. Outro comparava os tribunales ás moutas espinhosas, onde as ovelhas procuram um refugio, e d'onde não sahem sem que deixem parte da sua lã.

Padre Antonio Vieira



AS varios incidentes tinham de opor-se ainda e por muito tempo, à sua missão pessoal nas aldeias dos indios. A sua qualidade de Superior obriga-lo-hia a dirigir e não a executar, e antes d'isso, um conflicto lamentavel lhe preoccupou o espirito e o zelo.

Vagara a cadeira episcopal da Bahia por morte do Bispo D. Pedro da Silva. O Cabido entregou logo a administração da diocese ao Superior da Companhia de Jesus no Maranhão.

N'isto, os Tapuias trucidaram, com outros sacerdotes, o Padre Manuel Moniz. Parece que entre elles queria a Companhia escolher o novo Vigario Geral. O que é certo é que só depois de sabida aquella triste noticia, a Companhia fez a nomeação, que entendeu, mas por julgar simples delegado, e não ordinario, o Vigario provido pelo Bispo, e que não gozava de muitas sympathias.

O povo e todas as classes applaudiram o procedimento da Companhia de Jesus, mas o Vigario excluido não se conformou, seguiu logo para Lisboa e conseguiu de D. João IV uma carta em que se ordenava a sua reintegração.

Desembarcou depois, proclamando os seus direitos e o novo Vigario mandou o prender. O preso protestou junto do Governador, e este logo convocou uma Junta de que fez parte o Padre Antonio Vieira.

Vieira quiz furtar-se a ser ouvido, tanto lhe pezava o incidente, e tão difficil lhe parecia a conciliação.

Mas teve de assistir, e notando illudivelmente que a maioria dos votos protegia — como todo o povo — o novo Vigario.

O lance foi aspero. D'um lado estava evidentemente a razão do velho Vigario; do outro lado, as sympathias de todos, e o prestigio da Companhia, beneficiando o Vigario novo. E todos anciavam por ouvir a opinião de Vieira.

(Continua).

JOSÉ AGOSTINHO



- Quer o seu retrato em busto ou de corpo inteiro ?
- O preço é o mesmo? ...
- Exactamente o mesmo.
- Então já se sabe: de corpo inteiro! ...



Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



Conselho de prudencia

O despedir-se da corte o philosopho Athenodoro. Cesar pediu-lhe um conselho para mais grata e saudosa recordação da sua companhia.

—Senhor, o conselho que por despedida te deixo é que, quando estiveres irado contra alquem, primeiro que falles ou procedas repitas o A. B. C.

Os dois cães

Lycurgo, o eminente legislador grego, creou dois cães, filhos do mesmo pae e mãe; acostumando um aos duros trabalhos da caça, e o outro aos agasalhos e boas comidas da casa. Aquelle andava magro, este nedio e luzidio. Um dia que os lacedemonios estavam juntos, Lycurgo appareceu alli acompanhado dos cães, e tirando de baixo da capa uma lebre viva e uma panella com carne, chamou a attenção do povo. O cão magro seguiu a lebre e aprisionou-a, o cão gordo refocilou-se na carne da panella. Lycurgo, commentou:

Lacedemonios, estes dous cães são irmãos, porém a criação os fez tão diversos, como vêdes. Sabei que a educação que derdes a vossos filhos quando pequenos, essa terão quando homens.

Xenocrates e Eudamidas

O velho philosopho Xenócrates discursava numa academia, ouvido de numeroso auditorio, quando á porta passou o seu adversario Eudamidas, que parou a escutar e perguntou quem fallava. Informaram-no:

—E' Xenocrates, varão sabio e dos que buscam a virtude.

Eudamidas encolheu os hombros:

—E quando ha de usar d'ella se ainda ago-ra a busca?

Não tires o sol

Uma vez que Alexandre viu Diogenes estava o sabio á porta da sua cuba a gozar as delicias d'um acariciador sol de inverno.

—Pede-me alguma coisa, Diogenes.

O philosopho olhou para o imperador e disse com um encolher de hombros:

—Peço-te que te afastes para o lado porque me tiras o sol.

Honra inafacave

Alguns mancebos appareceram nus deante de Livia, mulher de Augusto, e o seu terror foi tão grande que não esperavam livrar-se da pena da morte. Perdoou-lhes Augusto porque Livia disse:

—Não ha causa para que sejam castigados, porque estes parecem estatuas á mulher casada.

Castigo pelo amor

Soube um rei babylonico que um seu creado namorava uma dama da corte e consultou o philosopho Apollonio sobre o castigo a applicar a tamanho atrevimento.

—Que maior castigo lhe querés dar que deixa-lo viver!

E como o rei o olhasse admirado, confinouo:

O seu amor será o seu maior verdugo, pois não haverá tormento que não soffra.

O primeiro romancista

N'um jantar em honra do eminente romancista inglez Carlos Dickens, o presidente da commissão organisadora, brindou:

—Ao primeiro romancista do seculo!

Dickens ergueu immediatamente a sua taça e respondeu:

—Agradeço por Balzac!

O philosopho Zenão

N'um banquete de embaixadores de varias republicas, em Athenas, estava o philosopho Zenão. Atravez do ruidoso festim o illustre grego conservou-se silencioso, motivo porque um dos embaixadores lhe disse:

—Que havemos de dizer de ti ao nosso rei?!

O philosopho fallou então:

—Dizei-lhe que achastes em Athenas um velho que sabe estar calado em um banquete.

TITO FLAVIO.